



Novembro de 36

Alexandre Santos

Relata aventuras do Carnaval de 1936, cujas consequências brotaram em novembro daquele ano.

Chegado há pouco em Olinda, Dr. Pedrolino, recém contratado pela maternidade e portador de costumes, sonhos e anseios trazidos de muito longe, nunca vira nada parecido. Depois de uns minutos na janela, extasiado com a visão do mar, que se desfazia em espuma nos arrecifes da barra, abriu a agenda. Era novembro de 1936. Desde o feriado da proclamação da república, já fizera doze partos. As mulheres, todas jovens e bonitas, vinham acompanhadas das mães e, dias depois, menos arredondadas e afozadas por uns tempos, voltavam para casa com bebês saudáveis, daqueles que, desdenhando conveniências e horários, esgoelam energia para anunciar saudades de tetas e chupetas, enervando vizinhos à beira da loucura. Aquela movimentação era inédita nos registros oficiais da maternidade. Parecia até que, de uma hora para outra, como que de caso pensado (depois ficaria claro que aquele fora um episódio típico de 'caso impensado'), todas mulheres tivessem decidido parir juntas. Pela programação, só naquele dia, ele assistiria quatro partos.

- O que está acontecendo? - perguntou à Colombina, parteira jovem, porém experimentada na vida e na labuta, famosa por conhecer mais pecados e segredos do que o pároco da Sé e por identificar e diagnosticar situações suspeitas num simples piscar.

A pergunta deve ter atizado o anjo falador que nela morava, pois, evocando um passado recente, faiscou um brilho malicioso no olhar, franziu um sorriso sapeca, balançou a cabeça como quem condena o comportamento d'outro e, num cochicho quase inaudível, confidenciou mistérios guardados a sete chaves por algumas das famílias mais tradicionais da cidade. O monólogo foi longo.

- Isso é coisa de Arlequim, doutor - começou e, com a segurança de quem sabe das coisas e sem o recato esperado nas damas, escancarou detalhes do último carnaval, festança inesquecível que, para tristeza do arcebispo, entraria para a história das folias desregradas em função dos pecados da carne, das mucosas e dos nervos cometidos impensadamente, deixando uma herança de arrependimentos, histórias mal-contadas, desculpas esfarrapadas, penitências impagáveis, virtudes destruídas, vocações abaladas e segredos imorredouros.

Naquele ano, como nos anos anteriores, o domingo de carnaval chegou sem que o sábado de Zé Pereira tivesse acabado. O sol já rompera o horizonte, expulsando pouco a pouco a noite enlustrada com raios vermelhos que mudariam de cor com o avanço da manhã, acordando galos para misturar notívagos e madrugadores de todos os tipos, fazendo cheirar cozinhas e movimentar trilhas que levavam às igrejas e padarias. Nos largos e ladeiras ainda ecoavam acordes dos frevos solfejados e cantados pelos boêmios noite a dentro. Foliões

embaçados por muitos tragos se amparavam uns nos outros entoando serenatas ao pé de janelas desconhecidas. Em alguns quartos, arrependidas de intimidades permitidas a pretendentes apressados, ainda sentindo as partes quentes e meladas, virgens bolinadas não conciliavam o sono, em outros [quartos], abraçando travesseiros com sofreguidão, moçoilas casadoiras remoíam o baú dos segredos que levariam ao túmulo, revivendo lembranças dos flertes, beijos e amassos concedidos, tolerados ou, mesmo, roubados. Tudo como em todo carnaval.

A confusão cujos frutos brotaram nove meses depois começou na missa do meio-dia. Foi assim:

Despertado em plena homilia do cochilo reparador da noitada da véspera, o prefeito ouviu o vigário dizer que "as pessoas devem se manter preparadas para o julgamento de Deus como se o mundo fosse acabar naquele dia". Atormentado pelos próprios pecados, o prefeito achou ter ouvido que o mundo acabaria naquele dia. Era apenas um mal entendido e poderia ter sido desfeito naquele mesmo momento se não fosse a santa malvadeza do padre, que, procurado depois da missa, percebendo o hálito carregado do prefeito, decidiu dar-lhe uma lição, confirmando a interpretação com a recomendação de abstinência e orações. O tiro, no entanto, saiu pela culatra, pois, ao invés de recolher-se em retiro para espiar os pecados e garantir um lugar no céu conforme queria o cura, o prefeito resolveu aproveitar os últimos momentos e, preterindo a jornada de filhoses e mel que o aguardava no Palácio dos Governadores, entrou na primeira casa de recursos - um lupanar decadente chamado 'sobrado das quatro santas' - e, sem poupar despesas, caiu na farra com as ruivas mais caras da casa.

Foi o início da grande crápula. Arlequim se encarregou de espalhar a notícia e, em questão minutos a cidade inteira soube do triste destino reservado a todos. "O mundo vai acabar" choravam uns, "Ninguém passa da Quarta-Feira-de-Cinzas", gritavam outros. Daí em diante foi um deus-nos-acuda. Embora, bem ao gosto do vigário, uma irrisória minoria tenha mergulhado em orações esquecendo completamente o reinado de Momo, a maioria absoluta, decidida a viver anos em minutos, resolveu se esbaldar. Os homens ficaram mais impetuosos e, repentina e simultaneamente, o mulherio entrou no cio, escancarando sorrisos e abrindo as pernas como nunca tinha feito. Beatas cederam às pressões de sacristãos, viúvas esqueceram o recato e trataram de descontar o novo e o velho nos primeiros que apareceram, noivas e prometidas resolveram experimentar o que deveria ser conhecido apenas após o matrimônio, solteiras amolegaram o que diziam nem saber existir, se deixaram apalpar e, sem controle, comeram e foram comidas por muitas e muitas vezes, de todas as formas possíveis.

A ampulheta carnavalesca escoava 'as últimas horas' e, cada vez mais prementes e ansiosas, vizinhas se entregaram a vizinhos, primas se deixaram conhecer por primos, senhoras casadas convidaram padeiros e artesãos para conhecer intimidades nunca dadas aos próprios maridos, matronas sequiosas voltaram a ação esbanjando experiência, noviças do Convento de Santa Gertrudes levantaram o hábito levando diáconos a fazerem o mesmo com batinas para deixar o instinto libertino orientar mãos e membros inocentes por

caminhos tépidos de expectativas. Senhorinhas de todas as idades alternaram o vuc-vuc com intermináveis banhos de assento no leite reparador, aliviando as partes pudentes que queimavam ansiosas por novas assaduras.

Naquele carnaval o frevo foi outro. O que era para ser uma festa da carne, virou uma bacanal desregrada. Coisas inimaginadas aconteceram por toda a parte, pois, no embalo da despedida, poucas quiseram levar para o céu aquilo que poderiam dar por aqui mesmo e, a julgar pelo entusiasmo como se deram, naqueles dias São Pedro não teve trabalho, pois a missão que lhe cabia junto às virgens fora cumprida por algum Arlequim olindense.

Finalmente a folhinha apontou a 4ª feira. A quaresma chegou e, desmentido os boatos, o mundo não acabou contrapondo o alívio pela sobrevivência da humanidade com a angústia de permanecer viva carregando um rosário de arrependimentos. Começou, então, um pequeno inferno. Confessionários por toda a cidade enfrentaram longas filas e, logo cedo, ao tempo que esgotava-se o estoque de manteiga de cacau nas farmácias, a cúria já sabia que, a não ser no carnaval de 1910 quando a luz do Halley provocara frisson semelhante, jamais houvera tamanha salseira no rebanho de Deus.

Daquela 4ª feira em diante muita coisa mudou em Olinda. Muitos casamentos foram apressados, outros tantos desfeitos. Vizinhos deixaram de se encarar. Sabendo que não poderia voltar para o armário do qual saíra na antevéspera, o juiz tomara uma dose fatal de criolina.

Os dias passaram e, como não poderia deixar de acontecer, muitas mulheres não viram o sangue chegar na hora certa e barrigas começaram arredondar. Arlequim deixara marcas. Embora tivesse perdido noviças, que de repente descobriram uma nova face da glória de Deus, a Casa de Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição ganhou muitas jovens, cujas famílias, embora soubessem-nas desprovidas de vocação religiosa, preferiram vê-las na Ordem a enfrentar os mexericos das fofoqueiras. Em algumas casas, ao invés de inventar explicações para o óbvio, famílias anteciparam o início das aulas e jovens de narizes vermelhos foram encaminhadas para internatos distantes. Em outras, mesmo solteiras, meninas cresceram barrigas indicando o iminente aumento da população.

- Agora, doutor, passados nove meses, a cidade vai crescer. Se o padre não tivesse inventado aquela lorota, nada disso estaria acontecendo.

Foi quando o Dr. Pedrolino atinou para a gravidez de Colombina.